



4179 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT06 - Educação Popular

ESTUDO SOBRE A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ENQUANTO EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA TOMANDO O CASO DA ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO

Aline Rodrigues de Almeida - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Gabriel Alves do Nascimento - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Severino Bezerra da Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ/ CAPES

RESUMO

O presente texto procura discutir o conceito de educação enquanto experiência comunitária como ponto de partida para problematizações, pontuando avanços, desafios e possibilidades de constituição de outro olhar para a educação. Para tanto, partimos dos escritos de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão, no intuito de pensar seus pensamentos em torno dessa concepção educacional, utilizando como campo teórico-metodológico a Escola Viva Olho do Tempo, situada no Vale do Gramame, em João Pessoa, Paraíba. O estudo está sendo desenvolvido como pesquisa de mestrado, tendo por metodologia a pesquisa qualitativa com estudo bibliográfico e observação participante. Esperamos percorrer os caminhos que os saberes atravessam pelo sentir, pensar e agir dos sujeitos que constroem suas práticas coletivamente, assumindo o papel de agentes transformadores dos sentidos da educação e da própria realidade. Nessa perspectiva, pretende-se desvelar indícios de uma educação comunitária, que surgem no cotidiano da comunidade e representam a constituição de novos paradigmas educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Comunitária. Educação Popular. Escola Viva Olho do Tempo.

O texto pretende apresentar aspectos da educação enquanto experiência comunitária, tomando o caso da Escola Viva Olho do Tempo. Para tanto, partimos de um estudo bibliográfico dos escritos dos autores Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão sobre a concepção de educação comunitária, permitindo identificar e discutir indícios desse pensamento pedagógico pautado nas experiências concretas de um coletivo de sujeitos, considerando novos paradigmas para a educação a partir do tomá-la enquanto espaço de construção coletiva de saberes. O estudo faz parte de uma pesquisa que está sendo realizada no mestrado e que vem sendo tecida a partir de discussões originadas no decorrer da trajetória acadêmica no Curso de Licenciatura em Pedagogia, com foco na educação enquanto experiência comunitária. As leituras e discussões provocaram inquietações sobre a necessidade e urgência de um Pensar Pedagógico, que se forja no diálogo e no dar-se conta da existência do outro e que se afirma enquanto mecanismo de transformação social. Nesta perspectiva, traremos a Escola Viva Olho do Tempo – EVOT – como balizadora dessa forma de tratar a educação, pensando seus espaços de construção coletiva de saberes como locais privilegiados para a efetivação de sua proposta educacional. Com este estudo, vislumbra-se a importância de serem realizadas discussões acerca dos saberes construídos nas relações estabelecidas entre seus sujeitos, que são crianças, adolescentes, educadoras e educadores, voluntárias e voluntários, donas de casa, trabalhadores formais e informais, que constroem coletivamente uma nova forma de enxergar seus espaços e de se constituírem enquanto atores sociais, mergulhados em sua cultura, em suas crenças, valores, fortalecendo o seu sentido de comunidade em seus espaços de vida. Nesse cenário, surgiram algumas problemáticas de caráter prático para pensarmos como os saberes são construídos e constituídos coletivamente, assim, debateremos alguns indícios da concepção de educação comunitária, situando a pesquisa na comunidade Vale do Gramame, tomando o caso da Escola Viva Olho do Tempo como espaço de organização popular, para discutir e organizar estratégias de sobrevivência diante dos problemas ambientais e sociais enfrentados pela comunidade. Em um primeiro contato com a comunidade do Vale do Gramame, participamos de um evento promovido como forma de manifesto à degradação do rio Gramame, em que o que chamou atenção foi o protagonismo da Escola Viva Olho do Tempo – EVOT –, que uniu crianças, jovens, adolescentes e adultos, com auxílio de ONG's, outras voluntárias e voluntários, professoras, professores e simpatizantes de suas ações movidos em torno de uma única pauta: a revitalização do Rio Gramame, espaço vivo e dinâmico que fomenta a organização da comunidade não apenas em torno da pesca, mas também em torno da cultura e da identidade de um povo que tem o rio como principal fonte de renda e de organização popular. A partir desse contato com a escola, o desejo por pensar esse espaço coletivo a partir de seus indícios de Educação Comunitária materializou-se, ganhando corpo e nome, sendo que ali, naquela comunidade, foi possível perceber “a olho nu” marcas de uma educação comunitária, com princípios, finalidades e métodos preestabelecidos, resguardados pela cultura de seus antepassados e revisitados pelo novo olhar das novas crianças, jovens, adolescentes e adultos, responsáveis por ressignificar seus espaços, suas relações, seu mundo. Para tanto, a pesquisa constituiu-se em uma análise do conceito de educação comunitária e das vivências de educadoras e educadores, educandas e educandos da Escola Viva Olho do Tempo, vistas a partir de um eixo central em que os saberes surgem e circulam, com o intuito de apresentar uma renovação de paradigmas educacionais, que reorientem o fazer pedagógico e, assim, os sentidos da própria educação. Portanto, a pesquisa deve sustentar-se nas discussões dos desafios, avanços e possibilidades de uma educação que encaminhe os sujeitos à ressignificação de suas histórias de marginalização e ausências, no sentido de viver uma transformação de sua condição. A educação popular, vista por uma ótica comunitária, “quer dizer, dum jeito que pudesse juntar um saberzinho da gente, que é pouco, mas não é, eu lhe garanto. E ensinar o nome das coisas que é preciso pronunciar pra mudar os poderes” (BRANDÃO, 1982, p. 169), orienta suas práticas em um olhar mais humanizado, tomando as experiências de vida como fundamentais para a aprendizagem, dando-se conta da existência do outro e de que ele é produtor de cultura e de saberes essenciais a sua vivência na sociedade. Ao revisitar Freire (2005), em uma perspectiva dialógica, na qual o diálogo está presente na interação e nas relações comunitárias, percorremos caminhos de transformação do homem e da mulher enquanto precursor de uma identidade própria, carregada de saberes, cuja tarefa histórica é mudar o mundo, denunciando a dimensão social das relações de poder, em que a opressão do capital dilacera os sentidos de pertencimento do indivíduo e o sujeito é reduzido a um produto naturalizado, pronto e acabado para ser consumido. A educação deve ter papel fundamental na constituição desses sujeitos culturais, tomando como ponto de partida o que trazem de seu mundo e suas inquietações. De acordo com as relações estabelecidas por esses sujeitos, a educação enquanto experiência comunitária encontra seu balizamento na Educação Popular, considerando o saber-fazer – a prática vivenciada – intrinsecamente relacionado ao fazer saber – conhecimentos empíricos, que através dos fazeres cotidianos,

tornam-se conceitos aplicáveis e devem ser concebidos como saberes científicos. De acordo com Freire (1981), é preciso que os sujeitos concebam uma consciência política, imersa na criticidade e na reivindicação de seus espaços. A partir dessa perspectiva, “como desenvolver toda uma nova pedagogia se as próprias estruturas da sociedade não foram total e radicalmente transformadas ainda?” (FREIRE; GUIMARÃES, 2010, p. 51). Ao levantar esse questionamento, é preciso atentar para os desafios que nos são impostos para que se consolide a educação em uma perspectiva emancipatória de preocupação com os sujeitos envolvidos no processo educativo. “Uma que a gente junto pudesse fazer e tirar todo proveito. Pra toda gente saber de novo o que já sabe, mas pensa que não. Parece que nisso tem um segredo que a escola não conhece” (BRANDÃO, 1982, p. 169). Nesse sentido, os sujeitos que tiveram seus direitos negados – direito à educação, à saúde, moradia, transporte, alimentação, lazer – precisam encontrar na educação possibilidades de transformação da sua realidade, de modo que “[...] mesmo que ninguém não ensine, ele aprende o ensino dele mesmo. De ver os mais velhos, de fazer igual, errando, pelejando” (BRANDÃO, 1982, p. 162). Frente às situações apontadas, devemos nos questionar sobre o papel social da educação sob uma perspectiva emancipatória e humanizadora, em que, muitas vezes, ela própria se alicerça em bases discriminatórias e excludentes. Freire (1989) defende a superação de toda forma de opressão através de uma educação libertadora, de forma participativa, democrática e autônoma. Segundo ele, o “[...] projeto pedagógico é político e se acha molhado de ideologia. A questão a saber é, a favor de quê e de quem, contra quê e contra quem se faz a política de que a educação jamais prescinde” (p. 44). Utilizando os referenciais teóricos que dão base para a construção metodológica, formulamos trajetos para ir ao encontro do nosso objeto de estudo, que é a educação comunitária. Nesse sentido, ao discutir sobre a educação comunitária, dialogamos não apenas sobre um procedimento, mas principalmente acerca dos seus sentidos, intencionalidades, âmbitos, conteúdos e sujeitos, observados os contextos em que estejam inseridos (CARRILLO, 2013). Dessa maneira, esperamos refletir sobre a educação como prática comunitária, que dialoga com experiências concretas de educação presentes nos espaços de construção coletiva de saberes, na luta dos movimentos sociais, dos sujeitos em situações de vulnerabilidade social, das associações de bairros, sindicatos, grupos e ciclos de cultura, atentando para os saberes que surgem a partir desses espaços, com seu caráter incluyente, emancipador e transformador da condição social dos sujeitos, partindo do lugar que ocupam no mundo e das suas necessidades. Sendo assim, este estudo parte da necessidade de outro olhar para a educação, tomando a EVOT como um espaço de efetivação de práticas educacionais humanizadoras, catalizador de experiências pessoais e sociais dos sujeitos da comunidade Vale do Gramame, situada em João Pessoa, na Paraíba. Dessa forma, ao utilizarmos o arcabouço teórico para delimitar o conceito de educação comunitária no cenário da Educação Popular, ampliamos o olhar em torno da sistematização de saberes a partir das experiências da EVOT, de modo a pensar estratégias de educação que partam do diálogo e do dar-se conta da existência do outro. Assim, localizamos a educação a partir de um posicionamento político, centrada na humanização e na transformação social, em que sujeitos são responsáveis por escrever sua própria história, indignando-se e modificando-a de acordo com suas demandas, que partem de sua identificação com determinado grupo social e materializam-se em suas lutas e reivindicações. Sobre a metodologia utilizada para se conceber a pesquisa, percebemos a necessidade de se voltar atenção para o objeto e suas especificidades, refletindo sobre a relação sujeito-objeto em suas interfaces para que seja atendido o propósito da pesquisa. De acordo com Bogdan (1999, p. 25), “a estratégia utilizada em qualquer pesquisa científica fundamenta-se em uma rede de pressupostos ontológicos e da natureza humana que definem o ponto de vista que o pesquisador tem do mundo que o rodeia”. Portanto, a perspectiva epistemológica do trabalho, que perpassa pela relação homem, mundo e sociedade, apresenta bases no materialismo histórico dialético, definindo seus referenciais teóricos, suas metodologias, instrumentos e técnicas de coleta, registro e análise de dados. A opção pelo trabalho de campo deve-se a uma necessidade de ampliar a perspectiva em torno do objeto pesquisado, pensando-o em seus inúmeros delineamentos, a partir dos quais é possível definir rumos para o andamento da pesquisa. Assim, optamos pelo método de abordagem qualitativo, com natureza participativa a partir da investigação participante, tendo em vista a necessidade de um estudo aprofundado de grupos e comunidades. Recorreremos a uma revisão histórica e aos fundamentos da educação comunitária, ponderando as concepções dos autores pesquisados às percepções encontradas no campo da pesquisa, assim como suas aproximações com a Educação Popular. Segundo Minayo (2014), a abordagem investigação participante tem Paulo Freire como um dos seus inspiradores e é influenciada por uma visão crítica da realidade social, unindo investigação, participação e política como forma de resolver problemas concretos da sociedade, ou seja, os sujeitos identificam o problema, coletam os dados sobre ele, analisam e buscam soluções conjuntamente, com vistas à emancipação. Ainda, a metodologia dessa abordagem requer interação entre comunidades e seus diversos saberes, sistematização do problema a ser solucionado, participação de todos os envolvidos em todas as fases do projeto, socialização das discussões e construção de planos de ação coletivamente. Dessa maneira, remetemo-nos à visão de mundo, de homem e de sociedade que propomos, construindo coletivamente a proposta da pesquisa em questão, modificando-a e tendo em vista a contrapartida social a que se propõe, partindo de uma investigação das necessidades da comunidade Vale do Gramame, de seus sonhos, sentidos e significações que dão ao mundo em que interatuam. A EVOT tem uma história marcada pela busca de realização de sonhos das pessoas, oportunizando-lhes a crença de que a vida é construída em torno deles e que os caminhos devem ser traçados em direção a sua concretização. Assim, as suas práticas são alicerçadas na esperança nas pessoas, em seus saberes, fazeres e dizeres, na memória dos antepassados e na vida local, constituída por um coletivo de sujeitos, que são artesãos, camponesas, cesteiros, pescadores e quilombolas. A escola tem sua *práxis* orientada por uma relação de amorosidade e cuidado para com a natureza. A luta pela conservação do rio Gramame e do cenário natural de seu entorno nasce fora dos muros da escola, ganha corpo diante das provocações dos educadores e educadoras e das inquietações de educandos e educandas e desemboca para fora dos muros visíveis e invisíveis da instituição. Portanto, ao discutir essa proposta educacional, percebemos a necessidade de apresentar indícios dessa outra maneira de pensar a educação e, para isso, tomamos o caso da EVOT e seu protagonismo perante a comunidade Vale do Gramame. Pensamos a sistematização de suas práticas, a escuta de suas falas, colocando-nos em um processo de reflexão situado no campo teórico e prático, em um constante revisitar de conceitos e de leituras de mundo, de homem e de sociedade. A educação comunitária propõe sentidos e significações para a construção de uma educação útil aos sujeitos, tida em seu caráter humanizador, que parta de experiências sociais comuns, com seus próprios contextos, temáticas e sujeitos, percorrendo o caminho que os saberes atravessam pelo sentir, experimentar e agir dos sujeitos e imprimem novas reflexões e a reinvenção das próprias práticas, que orientam e dão forças à transformação de sua condição enquanto ser no mundo e do mundo.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto-Portugal: Porto, 1999. (Coleção Ciência da Educação)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Antônio Cícero de Souza. **Lutar com a Palavra**: escritos sobre o trabalho do educador. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

CARRILLO, Alfonso Torres. A Educação Popular como prática política e pedagógica emancipatória. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa. (Orgs.). **Educação Popular**: lugar de construção social coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. A Alfabetização de adultos – crítica de sua visão ingênua: compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a Liberdade** – e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 2. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.